

CIDADE, CENÁRIO E MITO

Entrevista com o arquiteto Jorge Moscato

Arquiteto graduado pela Universidade de Buenos Aires, Jorge Moscato, entre os anos 1989-1992, foi *Consejero de Planificación Urbana da Municipalidad de Buenos Aires*, tendo a seu cargo o polêmico projeto de urbanização do *Puerto Madero*. Atualmente é professor titular da Faculdade de Arquitetura de Buenos Aires e Secretário de Planejamento, Obras e Serviços Públicos da *Municipalidad de Burlingham*, Argentina. Em março desse ano, estando em Salvador para participar da IV conferência do CIDEU, ele expôs para a revista RUA idéias instigantes sobre a cidade contemporânea latino-americana, explorando horizontes possíveis de atuação para arquitetos e urbanistas.

Ana Fernandes. *Poderíamos começar falando de sua formação e campos de atuação...*

Jorge Moscato. Sou arquiteto formado no ano de 1969, na Universidade de Buenos Aires. Pelas circunstâncias dessa época, nossa geração na Argentina não fazia pós-graduação; a pós-graduação era a experiência direta de trabalho que, no meu caso, foi a de trabalhar em escritórios de vanguarda. Ou seja, eu sou um arquiteto projetista de edifícios formado na maior tradição de elite que se podia conseguir naquele momento. Depois, pela influência da formação política, característica da geração dos anos 70, começa-se debilmente a construir teoria. Fazer teoria era uma obrigação a partir da necessidade política; daí, começamos com a teoria da arquitetura e depois com a teoria urbana. Na realidade, não sou um urbanista, mas um arquiteto projetista de edifícios que faz urbanismo à força, porque não há ninguém que o faça com critérios que se supõem corretos.

Fenômeno comum a outros países da América Latina, a partir daí se vai formando uma rede de arquitetos preocupados em construir uma

■ **Transcrição:** María Herminia Hernández, Erwic Flores Caparó, Francisco Navarro Bencomo
Edição: Naia Alban e Ana Fernandes

experiência comum sobre a cidade latino-americana, quando, nos anos 80, fica claro que não existe uma teoria sobre ela porque ninguém se dispôs a pensá-la. Os arquitetos da elite européia pensam os seus próprios problemas e não os nossos, e, como na América Latina o que existe é sempre o pensamento reflexo, pensamos os problemas dos outros e não os nossos. A partir daí vamos nos articulando e construindo esta rede, o Seminário de Arquitetura Latino-Americana - SAL, na qual hoje estamos imersos.

AF. *E de qual cidade se trata? Quais seriam as especificidades da cidade latino-americana?*

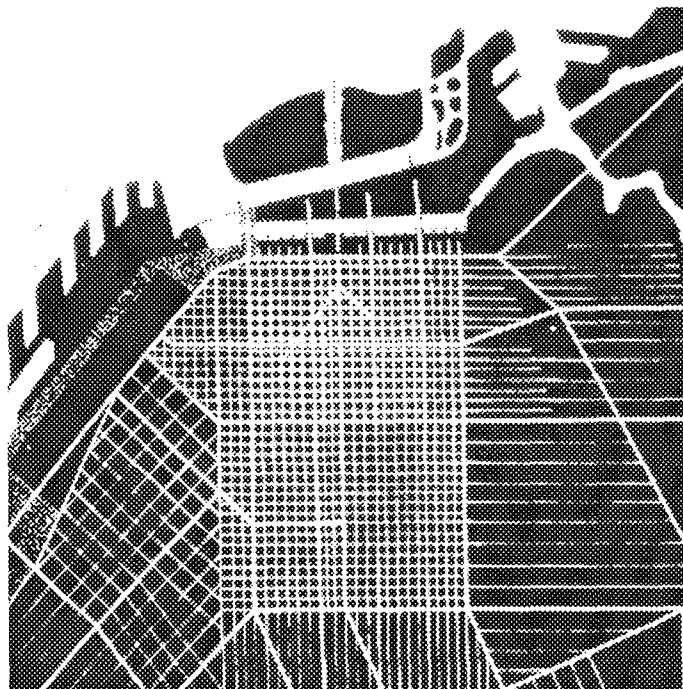
JM. O interessante é que, nesses anos, se formula uma teoria da cidade latino-americana, que já está armada, não está escrita, mas é parte da experiência. Podemos dizer que a cidade latino-americana contemporânea é formada por três partes que são centro, bairros e periferia, além de um agregado de último momento que são as áreas de nova centralidade nas periferias (que somente as áreas metropolitanas têm). O fato é que estes três elementos estão presentes em todas as nossas cidades e, por mais que se considere cada uma diferente das demais, estes três elementos existem, e tudo o que há são distintas combinações entre eles, que estarão diferentemente tensionados ou conduzidos segundo certos critérios. Então, há uma diferença entre, por exemplo, as cidades brasileiras e as cidades argentinas a partir do fato de que, nesta combinação, há mais uma coisa do que outra. Este é o corpo de doutrina: analisar o centro, o bairro e a periferia, que já nos ocupa há praticamente 10 anos.

Toda a cultura urbana latino-americana começa pelas periferias. A primeira coisa que se estuda é a periferia porque ela é o lugar onde se chega naturalmente por militância popular; isto é, o primeiro problema que se coloca é como vivem os pobres na periferia. Daí a necessidade de se construir uma teoria da periferia.

Depois se passa à teoria dos bairros, como operar com eles. Por trás da ação em nossos bairros há os fantasmas franceses e italianos, isto é, os fantasmas dos bairros europeus.

Em terceiro lugar surge a noção do centro. O centro das cidades é um fenômeno-chave para se entender o que está acontecendo, e a construção de nossas cidades passa pelo centro porque ele é ponto em comum de muitas coisas. É interessante que os latino-americanos anunciem, já há algum tempo, que o melhor que se pode fazer com as cidades é salvar o centro, e que salvar o centro é para os pobres da periferia quase tão importante como melhorar o nível de vida da periferia.

Recentemente, a partir da influência espanhola, surge a chamada teoria da nova centralidade. Eu particularmente



Expansão da quadricula em Buenos Aires

a escutei de Damian Quero, urbanista espanhol, que diz que, nas cidades contemporâneas, há funções centrais que se mudam para a periferia. Isto começa a se apresentar como um quarto problema em nossas cidades.

Estes elementos são comuns à cidade contemporânea e estão presentes na cidade latino-americana. Ou os manejamos com rigor e em função de nossos próprios interesses, ou estes elementos nos manejam. Manejá-los conforme nossos próprios interesses é uma qualificação ideológica, isto é, tem de haver uma clara leitura ideológica da cidade para saber o que convém fazer.

Por último, eu diria que se descobre que, na cidade latino-americana, na européia e em todas as cidades contemporâneas, há praticamente uma só questão: a do desequilíbrio interno. As cidades têm permanecido praticamente em situação de equilíbrio há mil anos. Suponhamos a cidade gótica, a cidade medieval, a cidade renascentista, a cidade barroca; todas essas cidades têm um alto grau de equilíbrio. A cidade republicana é uma cidade de alto equilíbrio. Nossas cidades, até 1930, são cidades integradas, são cidades muito articuladas, muito resolvidas, onde moram ricos e pobres numa mesma situação. A praça central continua a ser o lugar de valor, os bancos estão ao redor da praça, o governo está na praça. Em 30 ou em 50 anos, nos casos mais dramáticos, as cidades se têm desequilibrado, isto é, os ricos vão morar de um lado, os pobres vão viver de outro. A cidade está se esvaziando. Esta é a grande questão.



Avenida 9 de Julio em Buenos Aires

A leitura que nós fazemos a partir de Buenos Aires é: se esta é a única questão, ela se resolve com quatro elementos (centro, bairro, periferia e áreas de nova centralidade) e deve-se usá-los de modo a reverter o processo de desequilíbrio. Construir um novo equilíbrio dentro da modernidade é o único problema e é a única proposta que pode haver. Já não podemos aspirar ao equilíbrio do século XIX, temos que construir um equilíbrio do século XXI.

AF. *Hoje, em nome da fragmentação, alguns autores falam da morte da cidade enquanto você é um defensor implacável da centralidade. Quais as reais possibilidades de manutenção dessa identidade?*

JM. O que acontece é que há uma nova realidade na disposição das coisas sobre o território. Pensemos o seguinte: se a realidade é que as cidades aparecem como fragmentos urbanos, como uma colagem sobre o território que se articula de uma certa forma e com as massas ainda se instalando nele, o que estamos produzindo, de nosso ponto de vista, é um fenômeno de ocultismo, isto é, um fenômeno de esvaziamento de significado da cidade. As pessoas chegam à cidade, e a cidade se foi, isto é, chegaram a um lugar que não existe. Isto é muito claro, por exemplo, no

que sucedeu em Lima. Em Lima, os pobres, durante os últimos 15 anos, ocupam o centro da cidade enquanto as classes altas levam a cidade para outro lado. O resultado é que os pobres não tomam o poder, tomam uma casca vazia, instalam-se no meio dos palácios para viver como maldotados. É interessante observar que o primeiro objetivo da nova gestão democrática de Lima propõe recuperar o centro como o lugar de todos, o lugar da identidade. Creio que este seja o ponto.

Na modernidade as coisas nos chegam contrabandeadas. Eu não posso pensar na construção de uma sociedade democrática onde o novo centro seja uma articulação de quatro aglomerações urbanas numa rodoviária. Do meu ponto de vista, isto é uma estafa. Creio só haver uma possibilidade: o centro num ponto coincidente com o centro histórico, e que este seja o lugar onde transcorre a vida urbana, os grandes fatos políticos e outros eventos sociais, por ser o lugar onde nasceu a cidade. A verdadeira natureza da cidade são as relações sociais cara a cara. O fato é que as cidades estão numa crise terrível, e, para poder suportá-la, ou as sustentamos ou a coisa se desmorona. Neste sentido, as áreas de nova centralidade são um tema fantástico, desde quando sejam áreas subsidiárias do núcleo central, porque, senão, estaremos gerando uma distorção terrível.

Por outro lado, a globalização na América Latina está colocando o problema da definição da identidade de cada uma de nossas cidades. Hoje, com a crise dos estados nacionais, são nossas cidades que têm de definir o seu fato histórico, o seu perfil e, restritamente, aquilo que são. É através da sua diferença com relação às demais que cada cidade se faz atrativa. Neste sentido, temos que separar as coisas todo o tempo.

Creio que a tarefa dramática do intelectual da América Latina é que ele tem de ser igualmente culto como um intelectual europeu e, mais, tem de poder ler em função de uma leitura própria, que não é a mesma que possa fazer um francês. Quando se analisa a estrutura de uma grande conurbação européia, percebe-se outra lógica; são outras as situações, e creio que não têm nada a ver com nossas realidades.

Do ponto de vista da construção de nossa cultura popular, o pior que podemos fazer é tirar o centro das massas que estão chegando ou que chegaram nos últimos 20 ou 30 anos a nossas cidades. É como tirar-lhes as instituições políticas, a esperança de participar. Deste modo, os projetos urbanos devem celebrar essa possibilidade dentro da nova cidade democrática.

AF. *Qual o significado de se construir uma ideologia do centro hoje? Como relacionar democracia e espaço construído, solidariedade e competição?*

JM. Eu creio que o que atrai as pessoas às cidades é o mito, o mito de que a vida se tem construído sempre dentro da cidade, de que se é feliz na cidade, de que se encontra aí uma opção de vida. Nos últimos mil anos, é na cidade que renasce a Europa Ocidental. A partir daí se formará o mito, o argumento que vai fazer com que uma pessoa escape do feudo, chegue ao burgo e se instale. O mito de que a vida vai ser melhor, de que ele vai ser um cidadão, de que existe um futuro.

As cidades argentinas são basicamente um mito. Buenos Aires é uma cidade que é toda mito, não somente por diferenciação com as demais cidades, mas também por um mito interno. Buenos Aires é um mito onde está o tango, está Gardel, está Perón. É essa construção mítica que sustenta a Argentina e é o espírito de Buenos Aires. Em 1914, 50% dos habitantes de Buenos Aires haviam nascido na Europa, e poucos são os que têm três gerações na Argentina. Somos claramente europeus. Não obstante, quando nos acontece algo importante, vamos à Praça de Mayo, que é a *Plaza Mayor*, onde foi fundada a cidade. A praça se enche, e sentimos que estamos no 25 de maio de 1810, quando foi proclamado o primeiro governo nacional. De fato nenhum de nós aí esteve, nem aí estiveram nossos antepassados, nem conhecemos alguém que aí tenha estado esse dia.

É o mito o que sustenta a vida urbana. Trasladar o mito é uma espécie de demonstração de eficientismo. Um estádio não pode ter o mesmo significado que uma praça onde se funda um país. Temos que sustentar o centro da cidade para que continue a ser o local onde a população se manifesta. Na medida que as novas gerações sustentem estas relações, as demais são relações possíveis, são funcionais: as oficinas podem mudar seu local de concentração, as fábricas vão tender a ir para outros lados. Hoje, em Buenos Aires e por extensão em todas as cidades argentinas, acontece o mesmo: quando há um evento, se toma o centro, se toma a praça histórica, se toma o espaço urbano onde está a catedral e a casa de governo. E isto não somente com o evento político, mas com qualquer evento comemorativo da cidade. Creio que isto é o valioso, que essa é a chave de nossa própria modernidade.

AF. *Você tem comparado a cidade a um cenário, onde papéis deverão ser desempenhados. Quem dirige a peça?*

JM. O interessante da cidade contemporânea é que há muitos diretores ou muita gente que aspira a regê-la, mas que não o faz. Há fragmentos, há distintos fragmentos de sociedade que estão articulados, e os governos já não têm o controle da situação; eles controlam apenas um pedaço, assim como a sociedade de massa domina outro. Cada fragmento dentro da sociedade constrói esta situação de cenário onde o que se desenvolve é o mito. Quando eu digo que a cidade é um cenário, é porque na cidade se desenvolve uma comédia importante, valiosa. E são as grandes cidades que precisamente sustentam o mito, o cenário urbano fantástico, o lugar onde a vida urbana flui.

O que é a tragédia das periferias? O pior das periferias urbanas onde moram os setores populares não é a pobreza e, sim, a falta de cenário. Um pobre vem duma região muito deteriorada, vem do interior, de um povoado pequeno mas que tinha um cenário próprio, ou seja, tinha uma praça, tinha uma igreja, tinha seu comércio, tinha uns circuitos para caminhar, tinha certos códigos sociais. O que busca o habitante da periferia é, antes de mais nada, o reconhecimento. Quando chegam na periferia o primeiro que fazem é tentar agrupar-se, construir um reconhecimento de que o outro é um próximo, é igual a ele e com ele pode construir algo. Buscam reproduzir o cenário do povoado, porque na periferia este desaparece, perdendo assim o lugar de reconhecimento. O trágico das periferias é que não há um lugar onde mostrar uma noiva que se conseguiu, um filho que se teve ou um carro que se pôde comprar. Isto é o que degrada a vida das periferias. Construindo cenários na periferia, o pior que pode acontecer é que percamos os cenários do centro. Os

novos produtos de massa não são cenários; um *mall* não é um cenário, uma rodoviária não é um cenário, um aeroporto não é um cenário, são somente localizações.

AF. *A partir de sua experiência, como você tem percebido a cidade latino-americana em seus processos recentes?*

JM. As cidades da América Latina são diferentes das do resto do mundo. Nasceram com uma relação com o território que não é a das cidades ocidentais, nascem num momento em que é necessário dominar grandes extensões de território, extensões incalculáveis. Cada cidade da América Latina é uma espécie de quadradinho - uma pequena malha - solto num imenso território, o que gera uma estrutura muito diferente em termos da relação entre paisagem e território. Outra questão é o momento em que se produzem as cidades latino-americanas. São os 100 anos que se seguem à chegada de Colombo. A cidade latino-americana é uma cidade moderna, é uma cidade renascentista, é a síntese das três experiências, a grega, a romana e a muçulmana. Três experiências que voltam a se misturar em uma síntese original, única das cidades latino-americanas.

Uma estrutura que se mantém por 300 anos, nos quais não acontece praticamente nada. De repente adentra um período de expansão. As que primeiro o fazem, como Buenos Aires e Rio Janeiro, começam no século XIX, mas o resto começa apenas no século XX. Todos os fenômenos são estranhos e novos. O fenômeno da periferia, por exemplo, não era comentado pelos intelectuais europeus. Penso também que as periferias européias não têm nada a ver com as periferias americanas. As periferias americanas são imensas, são alucinantemente grandes e longas. Hoje olhava a maquete de Salvador. Como se pode comparar a periferia de Roma com a de Salvador? Não têm nada em comum.

Nossas cidades são autenticamente originais, são outro fenômeno, mantêm outras relações com o ambiente, originam-se de outra síntese cultural. Ninguém sabe como se sustentam como cidades; não é pela indústria, não é por nada. Creio que elas se mantêm unicamente pelo mito; não vejo outra explicação. De que vivem os milhões de pessoas que moram em nossas cidades?

Nossa cidade latino-americana é essencialmente diferente; assim, é bom que compreendamos que a resolução dos seus problemas é diferente, que as pessoas esperam outras coisas dela. Acredito que este seja o tema importante no caso das cidades latino-americanas. Em realidade, todos somos diferentes, mas temos os mesmos problemas, temos as mesmas situações, mesmo que em distintos graus.

Existe ainda outro ponto. As cidades latino-americanas são, dentro das cidades mundiais, as únicas que se movem, que se trasladam, isto é, que estão num fenômeno de migração interna diferente do resto do mundo. Na Europa não existe, em tal magnitude, esta migração. Salvador, nos últimos 100 anos, se traslada do Terreiro de Jesus ao Iguatemi-Rodoviária. É um fenômeno alucinante. Trata-se, realmente, de uma cidade que tem rodinhas. Alguém a está puxando, e ela está se desenvolvendo de um jeito diferente do resto do mundo.

AF. *Que experiências de operações urbanísticas recentes e interessantes você apontaria nas cidades latino-americanas? Quais suas principais qualidades?*

JM. Acredito que existem novas experiências de distintos tipos e de boa qualidade na América Latina. Conheço em particular as chilenas, com projetos urbanos muitos bons, inteligentes e perspicazes. Os projetos argentinos são muito espetaculares, em alguns casos, e possuem seu mérito. A experiência de Córdoba, por exemplo, é muito interessante, assim como a renovação de Rosário. Eu trabalhei no projeto do Puerto Madero em Buenos Aires. Este é um caso interessante por se tratar da borda de um rio - um *waterfront* -, abaixo do palácio de governo, local onde está o centro da cidade. Estando na sua gestão somente por três anos, fez-se o projeto e criou-se a situação básica que desencadeou todo o restante. Atualmente temos outra administração, outra situação, e o projeto varia todo o tempo. Uma vez definido o essencial do projeto não importa que varie a situação. Esta variação se faz lógica se concordarmos que novas autoridades têm novos problemas, novas respostas, outras dificuldades, outras articulações. Entretanto o projeto é sempre o mesmo. Neste sentido, vemos que a potência do projeto urbano está em sua capacidade de seguir até o final independentemente dos detalhes.

Aliás, nossa cultura não é uma cultura do detalhe. Eu penso que é interessante que a arquitetura no Brasil, por exemplo, não tenha detalhe; na Argentina também não tem; lá o detalhe é malvisto, soa a frescura. A obra tem que ter poucos detalhes, tem que dizer as coisas num só discurso.

Quando se olha uma obra européia, percebe-se que esta tem um grau infinito de detalhe. Por que tem tantos detalhes? Por que Moneo pode desenhar uma varanda maravilhosa? Ele está absolutamente seguro de que, uma vez desenhada, será esta a varanda que se construirá. Aqui, eu desenho uma varanda, e vem outro senhor que a olha e decide que em realidade ela não vale a pena. Chama-me para dizer que houve uma mudança estrutural, que existe uma carência de alumínio na praça e o que eu acharia de ela ser em madeira? Nós, arquitetos latino-americanos, não

temos uma determinação tão clara sobre a obra, apesar de termos uma vocação muito forte para a forma.

Existe também outro tema que não controlamos: os processos de construção da arquitetura e das cidades. Somente os galopamos um curto tempo, como se fosse um cavalo selvagem. Em determinado momento a cidade te puxa ou a obra te puxa, e você a leva até um certo ponto; a partir daí ela segue sozinha. Penso em uma frase, que parece-me ser de Niemeyer, em que justifica fazer suas obras de concreto armado por ser a única maneira de não as mudarem. Um edifício aqui começa sendo um ministério e termina sendo uma catedral. Um projeto urbano começa sendo para o desenvolvimento de uma certa coisa e transforma-se num projeto imobiliário. São projetos que têm que suportar isto. Em um mundo mais previsível, o mundo desenvolvido, também existem estes limites, porém não são tão absurdos como os nossos. Por outro lado, nossa capacidade de improvisação é uma virtude natural, se a usamos em nosso benefício. Nossas cidades serão melhores com a utilização de sistemas mais flexíveis.

AF. *Você consegue vislumbrar alguma tendência determinante nessas operações?*

JM. O que se faz em habitação é terrível, é uma tragédia, é de péssima qualidade. Se insistirmos nessa moradia de tão má qualidade, o resultado será uma deterioração absoluta. A tendência em habitação é muito ruim em todo lugar. Na última Bienal do Chile quase não havia projetos de moradia. Ganhou um projeto de Eduardo San Martín, financiado pela Junta de Andaluzia. Eram 150 moradias num tecido urbano, um conjunto especial. Os jurados decidiram outorgar-lhe o prêmio porque era o único projeto deste tipo, como dizendo ser necessária a apreciação e valorização de intervenções de cunho social, dentro dos princípios éticos de solidariedade próprios de uma bienal de arquitetura. Todos os demais projetos eram de uso privado.

Atualmente, o que se tem, em geral, é uma quantidade de projetos que operam sobre a cidade real, e isto é uma novidade. Nós na América Latina temos sido cobaias, nunca

tendo operado sobre a cidade verdadeira. Alberto Petrina, um teórico argentino, diz que temos sido cobaias dos europeus. As coisas exóticas que eles pensavam não as faziam em seu território e, sim, na América. Eles pensavam em construir o *Plan Voisin* no Brasil, mas jamais destruir um pedaço de Paris. Na década de 60, em Buenos Aires, operações de demolição urbana foram concebidas para construir um novo tecido dentro do padrão CIAM. Posteriormente se construiu como operação pública um pedaço de cidade *à la* CIAM que se chama Lugano. Um bairro que é o pior lugar da cidade, com uns monoblocos terríveis em forma de "S". No nosso período de escola, dizia-se que a planta havia sido feita por Kandinsky e a fachada desenhada por Stálin.

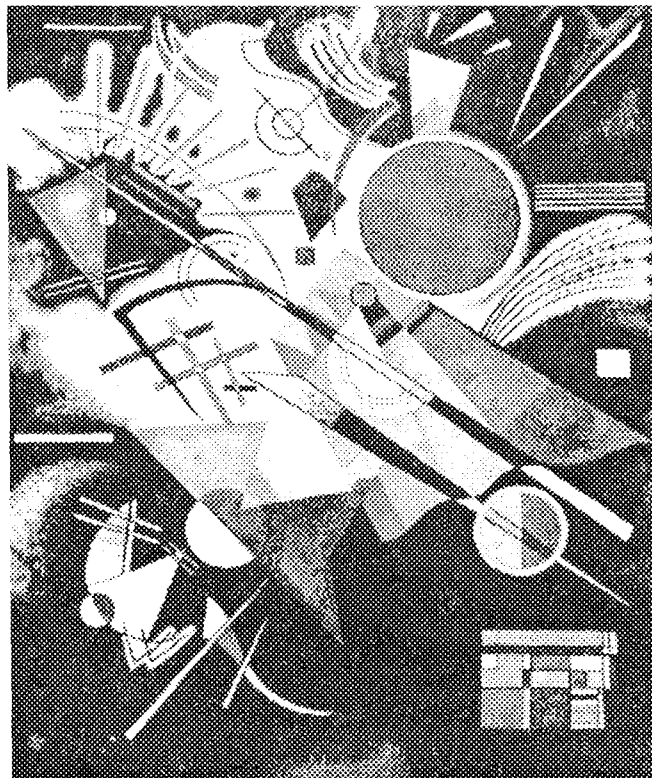
Penso que, pela primeira vez na realidade latino-americana, se opera sobre termos verdadeiros, ou seja, o traçado de uma avenida por um bairro, um setor ur-

bano, a elaboração de uma reciclagem de área ou a redistribuição de um edifício são objetos de reflexão e questionamentos. Estas coisas jamais se haviam estudado, nem mesmo pensado. Neste sentido eu diria que vivemos em uma época muito pragmática e com uma notável capacidade de acompanhar a realidade.

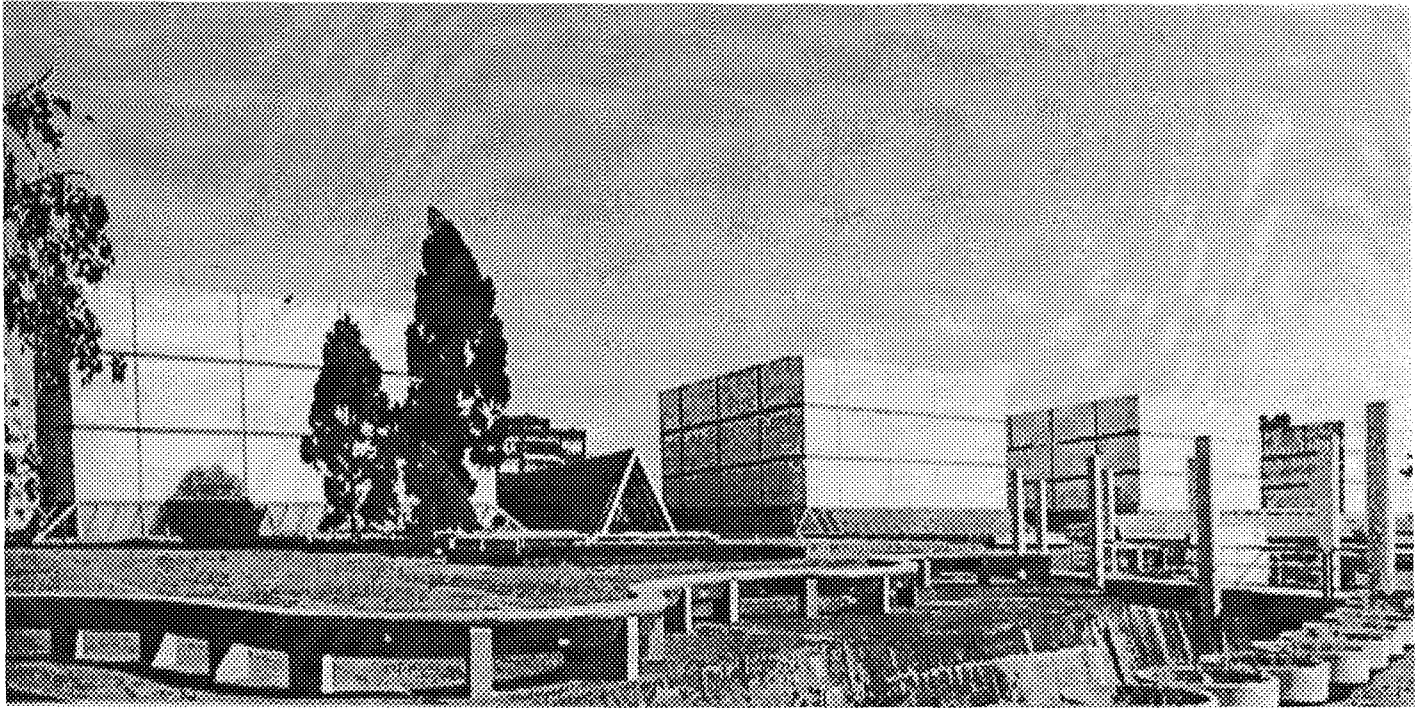
AF. *Nesse processo de requalificação de espaços, que papel você atribuiria ao projeto urbano e que lugar tem a concepção da forma?*

JM. Nós latino-americanos estamos particularmente interessados no tema da forma. Os argentinos, em particular a escola de Buenos Aires, propõem o problema da forma como um problema

básico. Isso nos leva a um erro fundamental que é supor que a forma é um ponto de partida no projeto urbano. Suponhamos que minha casa se origina de um cubo de 9 x 9 x 9. Eu a trabalho e desenvolvo dentro desta base lógica. Uma casa que se construirá em uma só operação. O problema é supor que a forma pode ser um ato preconcebido e que a cidade se constrói de uma só maneira. De fato, a cidade se constrói com uma geração.



"Acompanhamento Preto" de Kandinsky



A Argentina Televisora Color (ATC) em Buenos Aires

Em nossas escolas de arquitetura, em nossos ateliês de projeto urbano, surgiu uma grande confusão partindo do famoso quintal de objetos perdidos da cultura européia. Na Europa é comum a existência de alguns projetos em que aparecem objetos jogados sobre o território. Estes objetos sobre o território, articulados de uma forma muito elegante, supõem constituir cidade. O fato é que o conjunto destes objetos carece de sentido. Se eu tomo alguns elementos, por exemplo, este maço de cigarros, o isqueiro e este chaveiro de hotel que coloco como um plano inclinado, posso supor que estes três objetos constroem um espaço. Digo que a caixa de cigarros é uma laje, o outro é uma torre, como a de Vazquez Consuegra na exposição de Sevilha, e este outro, um aparelho horizontal, é como a ATC (Argentina Televisora Color) de Buenos Aires que suponho ser um prédio de serviços. Estes três objetos, com um desenho paisagístico e um caminho de conexão com o exterior, formam um núcleo urbano. E com isto qualquer aluno tira uma boa qualificação em qualquer ateliê de arquitetura em Buenos Aires. O absurdo disto é que isto não existe. É por isto que os livros de Kandinsky vendem-se em Buenos Aires como base, como apoio para aprovação de um projeto urbano. Isso é uma brincadeira, é uma espécie de demonstração ridícula. Eu observo a maquete de Salvador por exemplo, e não há nela nenhum fragmento que pareça Kandinsky; quer dizer, Kandinsky não mora

em Salvador, nunca passou por aqui. Caso faça a maquete de Buenos Aires, não aparecerá nenhum pedaço que se assemelhe a um Kandinsky. Isto está somente nos ateliês de arquitetura. É uma tragédia. O pior que pode acontecer é se apaixonar por uma maquete.

O que está claro é que a cidade se constrói por partes, vai-se fazendo por peças. Eu corrijo os meus alunos. Ando com um escalímetro, paro diante de um projeto e meço os diferentes prédios e vejo um prédio que mede 500 metros; então pergunto: onde já se viu um prédio de 500 metros e quem já fez isso na história e na organização de nossas cidades na Argentina? Esta se organiza por prédios fragmentados de 10 metros. Quer dizer, a acumulação de capital em nossas cidades se faz por outra lógica. O desenvolvimento financeiro, o desenvolvimento do capital, o desenvolvimento social se faz por pedaços; logo eu tenho que supor que a cidade também se executa por fragmentos. Mesmo que pense uma avenida de 40 blocos de fachada contínua com um nascimento, um arremate e um foco no meio, a verdade é que isso só vai ser construído em 25 anos; e eu tenho que prever como essa fachada contínua será executada. Neste sentido, o erro está talvez no fato de que os que dão aulas no ateliê de projeto urbano são os grandes projetistas e que as aulas se estruturam de uma mesma forma. De fato, a arquitetura e urbanismo são duas lógicas absolutamente diferentes; são duas lógicas inclusive contrapostas.

AF. *Em termos de repertório, como você vê a relação entre o erudito e o vernacular na proposição de novos espaços?*

JM. Nós em Buenos Aires usamos em nossa aula o Fito Paez, que é o grande ídolo do rock na Argentina. Fito Paez, em determinado momento, diz o seguinte: todos nós somos eruditos, somos filhos da cultura clássica, por isso toda nossa produção é em princípio pública; nós, arquitetos, podemos dizer que somos herdeiros do Renascimento. Todos somos modernos, somos parte dos Beatles; nós, arquitetos, somos parte de Le Corbusier e de Mies. Todos temos uma raiz telúrica; para nós, arquitetos, sempre existe uma parte que tem a ver com nossa paisagem urbana e rural, incluído aí o aporte vernacular. Todos somos um pouco rústicos e, por isto, escutamos um pouco de música brega; nós todos, parte da cultura popular, absorvemos elementos arquitetônicos do vernacular popular de má qualidade.

O fato é que a articulação destes quatro elementos é que produz a arquitetura que nós fazemos, e o grau como se articulam essas quatro coisas é que constrói nossa realidade. Se a obra for apenas vernacular, será uma farsa; se é apenas brega, é uma porcaria, é como um programa de massa de televisão com sorteios e prêmios, e, se for somente moderna, não tem raiz. A sabedoria da arquitetura consiste em poder misturar estes quatro ingredientes e com isso construir uma nova coisa. É o que diz por exemplo Violeta Parra quando se questiona sobre *“quais são os materiais que formam meu canto”*. Eu digo que estes são os quatro materiais que formam o meu “canto”.

AF. *Que valores você apontaria hoje como essenciais para a formação de um urbanista?*

JM. A partir da utopia, o único ponto é a utopia. Os arquitetos e os urbanistas do movimento moderno, com todos os seus erros, não pensaram a arquitetura ou o urbanismo como tema em si. Eles pensavam que era somente um fragmento da construção de uma sociedade melhor. O arquiteto argentino Tony Diaz, que agora mora na Espanha, escreveu uma vez que a arquitetura é apenas uma ideologia construída. Agora, que podemos fazer se as pessoas abandonam a ideologia? Quem pode ser um arquiteto sem ideologia? Na década dos 70 valorizávamos a ideologia e a desprendíamos da construção, o que gerou terríveis resultados. A ideologia sem a construção é como um pensamento sem linguagem, quer dizer, não pode transmitir-se. A chave do problema está na ideologia, está em poder conduzir isto, porque as diferenças entre as obras neste fim de século são mínimas. Objetivamente, já não são os materiais que se diferenciam, eles são os mesmos no Brasil e na Argentina, nem são os modos produtivos, porque estes que estamos observando aqui são os mesmos a 20 000 quilômetros de distância - este é o efeito da globalização. O que diferencia é a ideologia; nela reside a diferença entre uma obra de valor e uma bastarda. São coisas sutis, mas ao mesmo tempo coisas muito claras.

Gostaria de terminar dizendo que a arquitetura, o urbanismo e a construção da cidade fazem parte de uma ética, a ética da construção. Se pensamos que é apenas parte de uma estética, esta se consome e vira mero consumo. Não sobra nada.